

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens me, sum
ad destinatum persequor, ad h. avium
triumphi Ecclesiae... In Christo Jesu

AD PHILIP. 3. 12.

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—*Allocução do Nosso Santissimo Padre Leão XIII no consistorio secreto de 24 de maio de 1889.*—Secção Religio-
sa: *O ultimo sermão do P. Agostinho de Montefeltro* (continuação).—Secção Critica: *Africa*, por Dom Antonio d'Almeida; *O centenario*
de 1789, por E. I.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, 33.º, pelo Padre João Vieira Neves Castro
da Cruz.—Secção Illustrada: *A pia baptisma de Santa Maria de Leça do Balio*; *O coelho estimado*; *Oratorio de D. João I de Castella*,
por R.—*A aposentação e o Monte-Pio do Clero*, pelo Padre Raymundo.—Retrospecto da Quinzena, por M. F.—*Bibliotheca Romanti-*
ca, 7.ª folha, *O Cavalleiro do Oriente*, versão de Mattos Ferreira.

Gravura: *Abrahão despedindo Agar e Ismael.*

ALOCUÇÃO

DO NOSSO SANTISSIMO PADRE

LEÃO XIII

NO CONSISTORIO SECRETO DE 24 DE MAIO
DE 1889

Veneraveis Irmãos.

DEVENDO hoje preencher as va-
gaturas do vosso nobilissi-
mo Collegio e da Ordem do
Episcopado, bem desejaria-
mos poder falar-vos com
animo mais tranquillo e con-
fidente. e nada recordar aqui, que
não fosse agradável ouvir-se.
Mas como Nos é isso possível em con-
dições tão duras e difficéis? Estamos,
como vedes, rodeados dos mesmos ma-
les e das mesmas difficuldades que, ha
dozanove annos, se manifestaram quan-
do Roma foi tomada; antes, com o tem-
po tem-se tornado mais graves, e nem
pode prever-se até onde chegarão, vis-
ta a malevolencia dos adversarios, nos
quaes o longo successo tem augmenta-
do a audacia, como por acerbissima
experiencia conhecemos. Vedes, Vene-
raveis Irmãos, com vossos proprios
olhos, o caminho que tomam as cousas,
e quanto é grande, em ultrajar o Pon-
tifice, d'um lado a audacia, e do outro
a impunidade. Nem pode já haver al-
guma duvida sobre os planos que se
formam; pois elles se manifestam de
todos os lados, e os confirma o multi-
plice testemunho dos factos. E na ver-
dade são cada vez mais violentas as
hostilidades contra as instituições chris-
tãs, restringindo e opprimindo a liber-
dade do Romano Pontifice. Porisso es-
tamos vendo excitar o espirito popular
contra a sagrada auctoridade da Sé
Apostolica, e alicar impunemente con-
tra ella o odio das multidões com a
quotidiana insolencia de linguagem.

Chegou-se a tal ponto, que, n'esta mes-
ma cidade, quasi na nossa presença, é
licito à impiedade insullar a religião
de Jesus Christo com um desacato enor-
me e permanente, decretando, não sem
insolente ostentação, a um apostata do
nome catholico as honras devidas à vir-
tude.

Por estas razões todos os catholicos
do mundo sentem até ao fundo do co-
ração uma continua anciedade. Elles
certamente não podem tolerar indiffe-
rentemente a indigna condição a que
se acha reduzido o Pae commum, nem
deixar de interessar-se pela liberdade
do altissimo ministerio do Pastor de
nossas almas. Porisso não deixam nunca
de consolar-Nos com a sua admiravel
piedade e vivissimo affecto: e n'estes
ultimos dias, quando com tanto zelo se
reuniam nas capitães das diversas par-
tes da Europa para occupar-se dos in-
teresses communs, bem sabeis como
uma grande parte dos seus pensamen-
tos e cuidados foi consagrada a esta Sé
Apostolica. E quando elles proclamaram
que o principado civil é necessario para
garantia da liberdade do ministerio
Apostolico, conformavam, como era jus-
to, os seus juizos ao exemplo e ás dou-
trinas da Sé Apostolica. Tomando a re-
solução de procurar por todos os meios
legittimos que seja restituída ao Pontifice
a liberdade que lhe é devida, elles usa-
ram do seu direito, pois tomaram em
suas mãos a defesa d'uma causa justis-
sima, que deve considerarse commum
a todos os catholicos. Por esta causa
Nós, ha muito tempo, combatemos es-
tremamente e adiante de todos, como
é Nosso dever; e com o auxilio divino,
nem o tempo por mais longo que seja,
nem a grandeza das difficuldades nos
farão desistir de reivindicá-la.

E agora, para cumprir o Nosso pro-
posito, determinamos aggregar ao vos-
so Collegio alguns Bispos da França, da
Belgica e da Bohemia, distinctos por
piedade e doutrina, os quaes no governo
de suas dioceses deram prova luminosa

de virtudes episcopaes; e ao mesmo
tempo dois Prelados romanos, os quaes,
no cumprimento de diversos cargos,
tem por muito tempo servido louvavel-
mente a Sé apostolica. São elles:

Francisco Maria Richard, Arcebispo de
Paris;

José Alfredo Foulon, Arcebispo de Lyon;
Amado Victor Guilbert, Arcebispo de
Bordeaux;

Pedro Lamberto Goossens, Arcebispo de
Malines;

Francisco de Paula Schönborn, Arce-
bispo de Praga;

Achilles Apolloni, Vice-Camerlengo da
Santa Igreja Romana;

Caetano De Ruggero, Prefeito da Fabri-
ca Vaticana.

Que vos parece?

Portanto, com a auctoridade de Deos
Omnipotente e dos Santos Apostoios
Pedro e Paulo, e com a Nossa creamos
e publicamos Cardeaes da S. R. Ro-
mana:

DA ORDEM DOS PRESBYTEROS

Francisco Maria Richard.

José Alfredo Foulon.

Amado Victor Guilbert.

Pedro Lamberto Goossens.

Francisco de Paula Schönborn.

DA ORDEM DOS DIACONOS

Achilles Apolloni.

Caetano De Ruggero.

Com as dispensas, derogações e
casulas necessarias e opportunas. In
nomine Patris et Filii et Spiritus
Sancti. Amen.

SECÇÃO RELIGIOSA

O ultimo sermão do P. Agostinho de Montefeltro

(Continuação)

VE espectáculo enternecedor! Vede lá a Igreja ao pé d'um dos seus filhos que morre; ella recolle as suas ultimas lagrimas, enxuga o ultimo suor, chama os aujos para receber aquella alma fugitiva e apresental-a diante de Deus. E quando a alma partiu, toma aquelle corpo, lava-o, veste-o, espalha sobre elle agua bendita, perfuma-o com santos incensos, e depois entrega á terra aquelle resto terreno, para que o conserve como deposito sagrado para tempos melhores, e planta sobre elle a cruz, esta arvore da vida, como signal da esperanza. E depois, vestida de lucto, sobe ao altar, para implorar com ternas preces para aquelle filho a luz eterna e a paz do ceu. Passem embora os seculos, ella não esquece o seu filho que morreu. Esquecer-nos-hão os nossos parentes e os nossos amigos, mas ella jamais nos esquecerá, recordar-se-ha de nós em todas as suas orações, e ainda na ultima missa que celebrar, mesmo nos ultimos confins da terra, ainda mesmo depois de seculos e seculos, ella em um *memento*, abraçará todos os seus filhos com ternura verdadeiramente materna.

Eis o amor da Igreja! Ora eu pergunto-vos, Senhores, se a Igreja não fosse pela sua fundação, pelo seu estabelecimento, pelos seus signaes, evidentemente divina; se ella fosse apenas uma instituição humana, dizei-me, não mereceria, ainda assim, todas as nossas sympathias, todo o nosso reconhecimento, toda a nossa gratidão? Não mereceria as sympathias, o reconhecimento, a gratidão que o homem deve ao homem que o ama?

Ah! sim, meus senhores, a humanidade pode fazer passos de gigante na via do progresso e da civilização, mas será sempre a humanidade com as suas dores, e com os seus soffrimentos; ella terá sempre necessidade de consolação, e sempre a encontrará na Igreja, se a ella recorrer.

Porque é, meus senhores, que hoje tantas almas se abatem? E' porque não se vae á Igreja procurar aquella palavra que levanta os que cahiram, a procurar aquelles sacramentos que dão uma força divina para supportar a adversidade.

Fazem bem a mudar o seu nome aquelles philanthropos que se afanam por arrancar o pobre povo dos braços da Igreja, com o pretexto de querer

tornal-o livre. Não são sómente destinnos mortaes os que elles compromettem, são dores ineffaveis que elles privam de consolação.

Dirão elles que não são nossos inimigos, que não são inimigos do pobre povo, quando no meio das suas desventuras lhe impedem de erguer os olhos para o ceo, lhe impedem de recorrer á Igreja, de procurar Jesus Christo, o qual não soffreu senão para ter o direito de ser o nosso consolador.

Vão dizendo que a Igreja é inimiga do progresso, é inimiga do povo. Como assim, meus Senhores? A Igreja? A Igreja inimiga do progresso?

Não tem ella por ventura dado por desanove seculos a sua sancção a todas as instituições favoraveis á sociedade? Não é ainda hoje a Igreja que procura dar o baptismo a todas as nobres e rectas aspirações, a todos os movimentos legítimos? Não é ainda hoje a Igreja que pede para poder illuminar o povo nos seus soffrimentos, nas suas esperanças, a fim de cumprir na terra a missão que lhe confiou Jesus Christo?

A Igreja inimiga do povo!

Mas só a Igreja é que deu ao povo a liberdade e a dignidade, e se agora o povo não pode supportar a vida é porque o afastaram da Igreja, é porque o perverteram, seduzindo-o com falsas doutrinas que fazem brilhar aos seus olhos as modernas liberdades populares, essas falsas liberdades que produzem a ruina das almas, a ruina das familias, a ruina das nações.

Meus Senhores, só a Igreja poderia dar estas inspirações, somente a Religião poderia dirigi-las, isto é inclinal-as para a verdadeira liberdade que quebra as cadeias do vicio e das paixões, que impedem ao homem de seguir e praticar o bem; somente a Religião poderia inclinal-as para aquella igualdade, que é a unica verdadeira, a igualdade do Calvario, a igualdade da lei proclamada no Synai; somente a Religião poderia inclinal-as pela via da justiça cujo reino devemos sempre invocar, como Jesus Christo nos ensinou: *Adveniat regnum tuum*.

Hoje fazem-se esforços inauditos para desviar o povo do recto caminho. Mas, Senhores, vós bem sabeis porque se fazem todos esses esforços. E' bom fallar claro, dizer a verdade: a razão de todos estes esforços é porque se quer tornar o povo desprezível, para fazer d'elle um docil instrumento. Estes inimigos do povo, que se fingem seus amigos, recordam as palavras de Macchiavelli, o qual dizia, que para conduzir o povo era necessario desprezal-o. É um povo que, como o antigo povo romano, não pede senão pão e prazeres, é um povo desprezível, é um povo per-

dido, é um povo descontente e inconsciente, que se torna bem depressa em ludibrio das paixões, e um instrumento de torpes ambições. Aquellas fronteas estarão cercadas de flores, mas essas flores servem só para cobrir as cadeias. O homem do prazer está em pé, mas para cahir ao primeiro contraste. As cadeias de flores são peores que os ferros da escravidão.

Elles enganam o povo repetindo-lhe palavras vãs, mostrando-lhe vistas phantasticas. Sabem elles lá o que é liberdade, o que é civilização, o que é progresso! Estas palavras vieram rouba-las a nós, e depois transtornaram-lhe o sentido e fizeram d'ellas um instrumento insidioso. E assim, em quanto ellas deviam ser luz que illumina, tornaram-se fogo que devora.

Nunca vos succedeu, meus Senhores, encontrar-vos em um wagon destacado da locomotiva? Passa um comboyo perto de vós: parece-vos caminhar e estaes parados.

Assim caminha o povo: os seus falsos amigos mettem-no em um carro destacado, e em quanto a Igreja prosegue no seu glorioso caminho de triumpho em triumpho, elles gritam ao povo illudido: «Vede como é retrograda a Igreja! Ella fica atraz de nós!»

Infelizes! São elles que ficam atraz, julgando progredir!

Tambem o carro dos Domicianos, dos Julianos, de todos os perseguidores, de todos os falsos philosophos parecia caminhar: tambem estes diziam: «Vede como corremos!»

Ora dizei-me vós, onde ficou o carro da potencia e do orgulho humano.

Só a Igreja não para nunca na sua marcha triumphal, porque na sua marcha ella leva o fogo da caridade, e a agua da graça divina, que lhe dão um movimento eterno.

Ah! Senhores, se a Igreja pudesse manifestar-se em toda a sua plenitude, em toda a luz da sua verdade, da sua caridade, se a deixassem estender livremente a sua influencia, se ella fosse melhor conhecida, cahiriam tantos prejuizos, os extraviados correriam ao seu seio, todos os homens iriam pedir-lhe que abençoasse seus trabalhos, suas empresas, suas casas; então a Igreja tornarse-hia o baluarte da honra das familias, a estrella da vida, a paz e a alegria da sociedade.

É agora, antes de erguer a mão para abençoar-vos, permiti-me que diga uma palavra do coração, a palavra do irmão que se separa dos irmãos. E qual será esta palavra?

Senhores, será uma palavra, que sendo o penhor do meu affecto por vós, vos lixe como uma lembrança de sal-

vação. Oh! Deus a grave no fundo da vossa alma, e vos dê a força de pratical-a.

Mancebos, é a vós que primeiramente me dirijo. Pobres filhos, que vos achaeis rodeados de homens, cuja missão devia ser a de ensinar-vos a verdade, e que pelo contrario compromettem o vosso futuro, ensinando-vos somente o erro! O' mancebos, quereis vós ser felizes e grandes? Rejeitae sempre, rejeitae *a priori*, todas aquellas theorias que tendem a abaixar o homem, a familia, a patria, a humanidade. Abraçae a verdade, porque a verdade eleva, nobilita, sublima, e o erro rebaixa, degrada, embrutece. E não esqueçaes nunca que é imbecillidade não ter a coragem de sustentar a verdade, que é vil quem transige com o erro.

Povo, queres tu ser salvo do delicto, queres ser salvo da deshonra? Olha como teu inimigo quem te quer separar de Jesus Christo, porque só Jesus Christo é verdadeiro amigo do povo, só Jesus Christo não enganou nunca o povo, só Jesus Christo derramou o seu sangue para dar ao povo a sua dignidade, os seus direitos, a sua liberdade. Quando os povos se separam de Jesus Christo, quando desprezam a sua lei, correm infallivelmente para o embrutecimento, para a escravidão, para a ruína.

Povo, não vendas sobretudo a tua liberdade a ninguem: no meio das tuas fadigas conserva intacto este dom que te deu o Senhor. Não creias nos que hoje te lisongeiam com sedutoras promessas de liberdade, de igualdade, de prosperidade. Olha que os que te vão dizendo feliz, não fazem senão enganar-te. Se queres ser livre, respeita a tua liberdade e respeita-a também nos outros, porque se é ignominia deixar-se impor a cadeias, é tyrannia abominavel querer impol-as aos outros. Recordate sobretudo de que não é liberdade verdadeira senão a que te veio trazer Jesus Christo, é esta a que deves ambicionar: a liberdade filha da verdade, a liberdade dos filhos de Deus.

E vós, senhores, quereis fazer verdadeiro bem, quereis o bem real do povo? Rejeitae aquellas theorias perniciosas que substituem a caridade a philanthropia. A philanthropia é inconsistente, é caprichosa, é mesquinha, é hypocrita, é egoista sempre. Conservae vos na caridade de Jesus Christo; só ella é benigna, humilde, paciente, magnanima, sincera, desinteressada. Recordae-vos que com a doçura inspirada pela caridade vos será dado reconduzir os extraviados ao recto caminho. Fazei que a vossa esmola seja acompanhada do amor de Deus, e d'aquelle affectuoso respeito que a nobilita; e assim os

pobres receberão de vós doce conforto e verdadeira consolação.

Queremos nós, meus Senhores, servir a grande causa de Deus e da sociedade? Conservemo-nos fieis aos ensinamentos do Evangelho, não d'um Evangelho mutilado, mas sim d'um Evangelho inteiro, d'aquelle que a Igreja conserva e ensina, e que é código de verdade, de justiça, de verdadeira liberdade.

Não esqueçamos que as virtudes civis, só quando se apoiam no ensino de Jesus Christo e da sua Igreja, é que podem dar a ordem a sociedade e fazer reinar a paz e a harmonia sobre a terra.

Mas para pôr em pratica estes conselhos, é necessario, meus Senhores, aquella força que vem do Alto, e esta força não se consegue senão com a oração.

Recordae vos que efficacissima é a oração dirigida a Maria, e entre as devoções não esqueçaes a mais aceita ao coração da nossa santissima Mãe: o *Rosario*. O *Rosario* salvou a civilização da Europa, o *Rosario* tem espalhado tantas bençãos sobre os povos, sobre as familias, sobre todos os que recorrem a esta arma de salvação.

E agora, senhores, permiti que eu vos diga uma palavra d'agradecimento, e depois vos direi: Adeus.

Mas antes de dizer-vos esta palavra, devo pedir-vos desculpa.

Sim, meus senhores, sinto a necessidade de que me perdoeis por ter servido tão mal a causa de Deus e a vossa.

Eu pergunto a mim mesmo n'este instante: se muitos não se avisinharam de Deus, se outros não deram passos no caminho da virtude, quem sabe se não fui eu a causa?

Este pensamento me atormenta o coração!

Sinto em fim o dever de exprimir vos os meus agradecimentos. Recebei os, como são, puros, sinceros, profundos; são d'um homem que não tinha outro desejo senão o de procurar o vosso bem. Sim, eu vos agradeço, agradeço-vos de todo o coração de ter favorecido o meu pobre apostolado, que, pelo que me respeita, não merecia tanto realmente; agradeço-vos de tel-o favorecido com a vossa perseverança, com a vossa sympathia, com o vosso concurso cada vez maior, concurso que, sobretudo n'este momento, me confunde, me parece mais que nunca solemne, grande, commovente.

Deus vos retribua. Pelo que me pertence, não vos esquecerei jamais; pedirei sempre por vós, pedirei pelas necessidades das vossas familias. Mas vós também, não vos esqueçaes de pedir por mim, a fim de que, depois de ter prégado para salvar os outros, não

haja de perder-me a mim. E se um dia uma voz chegasse aos vossos ouvidos: «morreu», oh não me negueis então a prece dos defunctos, aquella prece que eu tantas vezes implorei para as almas dos que vos são caros.

E agora... Adeus!...

Oh como esta palavra me aperta o coração...! Além da dor de separar-me de vós, ha em mim também um pensamento allucivo: talvez nunca mais nos veremos sobre a terra! Ao menos assim unidos, nunca mais nos tornaremos a ver!

Mas confortemo-nos com a esperança de que um dia nos encontraremos assim lá em cima no ceo, no seio de Deus. Oh! deixae que eu parta consolado com esta esperança.

Adeus!

Adeus, meninos, amigos de Jesus, conservae as virtudes proprias da vossa idade, conservae a innocencia e o candor. Meninos, Jesus vos abençoe. Adeus!

(Continua)

SECÇÃO CRITICA

Africa

SEGUNDO diz um *telegramma* da *Agencia Havas*, datado em Londres a 17 de este Maio «Lord Salisbury recebeu hoje (o mesmo 17) uma deputação das missões escocezas da região do Niassa, que foi pedir-lhe a introdução d'armas nas referidas missões.

Lord Salisbury respondeu-lhe, que só pôde recorrer a meios diplomaticos e assim procurar que Portugal consinta na introdução, embora não reconheça a Portugal direito no Chire e Niassa.»

As *missões escocezas*, de que falla este *telegramma* são *protestantes*. Nunca os Sacerdotes, Missionarios da Verdade Completa ou Catholicos Apostolicos Romanos, nunca recorreram as armas, nas proprias mãos ou nas mãos de outros, para fazerem Missão; tendo só por armas a *Arma-Verdade!* Os *missionarios protestantes* não buscam o Martyrio, e menos ainda para a mulher e filhos.

Lord Salisbury ouviu os *deputados-missionarios* e sanhiu-se-lhes *pela diplomacia*, o que os mesmos não esperavam. A *Sociedade Inglesa protestante* que se deu o adjectivo de *Biblica* pôde dar e da ouro aos *seus missionarios*, mas não lhes pôde dar *Unção* nem o Espirito de Sacrificio ate ao Martyrio, e assim quérem elles armas de guerra que os defendam e a familia, conscios de que lhes falta a força moral, que é

a unica arma dos Missionarios da Santa Igreja, de estes a quem O Homem-Deos investiu do *Docete*, e por excellencia disse *Praedicate*. Em quanto durou aquelle *Potentado* «*Companhia das Indias Inglesas*» correram rios de ouro para as *mesmas Indias*, nascidos da *chamada Sociedade Biblica* e de outras *procedencias protestantes*; com a notavel guerra indo-ingleza de não ha muitos annos acabou aquella *Companhia*, e foi irrefutavelmente constatado: que todos aquelles esforços, ditos *biblicos e protestantes*, não tinham conseguido ganhar nem *uma pollegada* do que em Christã Extensão ganhou o Santo Francisco Xavier! Este Santo e os tantos milhares e milhares de Missionarios que Lhe seguiram e seguem o *Trilho* nunca exigiram ou pediram *armas* aos Arsenaes militares governativos ou a outros, e nem por isto deixaram nem deixam de Ser *Conquistadores de almas para Deos!* Dos Verdadeiros Missionarios *as unicas armas*, que os olhos vêm, sam O *Crucifixo* ao peito e o *Breviario* nas mãos; e as que os olhos não vêm consistem na firme crença na Fé Catholica e nos *Collorarios* que de Ella derivam! O *Protestantismo* tem como um dos seus elementos as *armas da mesma natureza* de aquellas, que os alludidos *missionarios protestantes escocizes* pediram a Lord Salisbury. Dirá alguém: não foram pedidas *armas offensivas* mas *defensivas*. Nossa argumentação fica em pé por isso que nem as *defensivas* nunca foram pedidas pelos Missionarios da Santa Igreja Catholica, e a *Historia dos Martyres* em todos os Seculos da Mesma Igreja assim o attesta. Os *cruzados* não eram *Missionarios*, mas *Guerreiros* pela mais justa das Causas; e *se a guerra pôde ser justa* como negar-lhe a justiça na *indole das Cruzadas?* Lepanto, por ex., teve em seu preparo e execução o *Caracter de um Esforço e Victória Moral!* Os catholicos não podem ser tomados de *surpresa*, respondem sempre adquadamente; sua resposta é tão certa como sua logica é invencivel; a Verdade os guia e veste de invencibilidade! A Igreja na Terra é *Militante*, e Seu Divino Fundador caracterisando-a *Tal*, não podia como Deos fazel-a *Vencivel!*

Dom Antonio de Almeida.

O Centenario de 1789

ONRE-SE a França da primogenitura entre as demais nações christãs. Se este povo que assentou morada dos Pyreneus ao Atlantico, se nobilita da graça distinctissima, que lhe outhor-

gou a Providencia, enviando-lhe desde principio apostolos denodados, como Thyago, Paulo, Manços e Pedro de Itales; se o sangue fecundo dos martyres começou nos primeiros albores do christianismo a tingir o solo da nossa patria; se os idolos do paganismo de lanço baquearam para dar o devido logar d'honra às imagens venerandas do Salvador e da Virgem Immaculada, indiscutivel é que a nação christianissima foi a iniciadora em ter a empunhar-lhe o sceptro um rei potente, que se curvou deante do Christo e o adorou. Deixemos-lhe pois a gloria que Lhe toca.

Unida pela mesma crença, medrou à larga essa poderosa nação que eu venho. A evolução social, favoreada por circunstancias diversas, conglobou-lhe os multiplos estados que a constituam, de sorte que após as façanhas legendarias de Carlos Magno; os esforços de cohesão habilmente dirigidos por Ilugo Capeto, Luiz VI, Luiz VII, Philippe Augusto; o assombro de virtudes de S. Luiz, modelo admiravel de principes; a firmeza inquebrantavel de Henrique IV e a sagacidade de Richelieu, tomava a França no meio da Europa em logar de preponderancia, que inquietava o imperio dos césares e não deixava dormir em sócego a vizinha Hespanha. Surgiu Luiz XIV destinado a contemplar entre o seu povo quanto de mais nobre marca o apogeu da gloria das nações.

Nas letras: Bossuet, Fénelon, Bourdaloue, Racine, Corneille, Boileau, Molière, La Fontaine, Pascal, Régnaud, Quinault, Flechier, La Bruière. Nas artes: Vouet, Poussin, Le Sueur, Champaigne, Mignard, Lebrun, Puget, Coysevox, Mansart, Perrault, Le Notre e Lulli. Nas armas: Louvois, Turenne, Vauban, Condé, Luxembourg, Catinat, Duquesne, Tourville. Uma constellação de planetas, librando-se em redor d'um sol. Foi pois Luiz XIV um Salomão nas glorias: foi-o também, ainda mal, nas prevaricações em que resvalou.

Entrara a torpeza na corte e ao lado d'esta herva má medrava o regalismo e o gallicanismo, irrigados pela seiva da Reforma. Nos horisontes da França acastellavam-se nuvens procellosas, que ameaçavam temporal emminente quando se deu a morte de Luiz XIV no 1.º de setembro de 1715, contando o herdeiro do throno cinco annos. Os enredos da regencia, seguidos dos desvarios de Luiz XV, ladeados pelos destroços do philosophismo dirigidos pelos encyclopedistas sob o commando de Voltaire revolucionavam as idéas que mais tarde causariam a revolução nos factos.

Nas vespéras d'estes diluvios pavorosos, realisava-se em Paray-le-Monial, em 27 de dezembro de 1673, a 1.ª

Apparição do Sagrado Coração de Jesus a Beata Margarida Maria. Em 1682 reunia-se em Paris, em famosa assemblea, o clero francez, convocado por Luiz XIV, e persagiava os perigos a que se achava exposta a christandade. «Tudo allí estava congregado, diz Bougaud, a auctoridade, o genio, a eloquencia, a experiencia e a popularidade». E qual foi o resultado dos trabalhos da assemblea? Augmentar o perigo em vez de o debellar: é que os males moraes, se à acção se não junctava a penitencia e a oração, não ha força que os supere.

A primogenita da Igreja acudia porem a misericordia do Coração de Jesus, mandando, em 17 DE JUNHO DE 1689, que ella com os demais estados SE CONSAGRASSE SOLEMNEMENTE AO SAGRADO CORAÇÃO.

* * *

Como outr'ora, porém, os corrompidos descendentes de Adão escutaram os avisos de Noé, assim a nação franceza o amoroso convite de um Deus. E um seculo se passou, anno por anno, mez por mez, dia por dia, quando os Estados geraes, reunidos em Versailles, se declararam *Assembléa nacional*, assumindo os direitos da soberania, como se o throno estivera sem rei!

Dique horrorosamente aberto ao impulso da torrente!... o que será da França! o que será da Europa!...

A «Correspondencia de Roma» nol-o diz em seu n.º de 25 de maio:

«Desapparecem em poucos mezes *cincoenta mil* igrejas ou capellas, e são destruidos os mais preciosos monumentos, como as cathedraes de Cambray e d'Arras, e as magnificas igrejas de Marmontier, de Citeaux e de Cheny. Desapparecem ao mesmo tempo *doze mil* abbas, conventos, priorados, mosteiros, fundações seculares de reis, de principes e de povos. O que escapa ao camartello destruidor da Revolução, converte-se em quartéis, em armazens, em cavallariças, em salas de espectaculos, em clubs da facinorosos.

«*Vinte mil* palacios de nobres são saqueados, incendiados; e sobre as ruinas da propriedade ecclesiastica amontoam-se as da propriedade particular. Não se respeita nenhuma tradição historica, nenhuma gloria nacional, e sepultam-se debaixo das cinzas do vulcão revolucionario as gloriosas memorias dos vencedores de Bouvines, de Damiat, de Tolemaide, de Jerusalem, de Denaix e de Fontenoy. Legiões de vandalos, vestidos de officiaes municipaes, devastam as bibliothecas, e rasgam e queimam livros, ou os amontoam em celeiros, ou os vendem aos regalões. Os manuscritos mais raros, esculpturas

estimadas, quadros os mais preciosos, são destruidos ou roubados. Viu-se um soldado que preparava o rancho tendo por avental uma tela de Guido Reni!

«Eis aqui a Revolução, eis aqui o idolo do liberalismo moderno!

«A guerra às cousas é acompanhada pela guerra implacavel e feroz às pessoas; e a revolução desfaz a obra de doze seculos, abate o throno de França, e abala todos os outros thronos da Europa. Na ordem politica a Revolução franceza aniquilla as tres ordens do Estado, as trinta e duas provincias, os treze parlamentos, os doze mil tribunaes, as vinte universidades da França, os foros de todas as cidades, villas e aldeias; põe em desordem todas as familias, attenta à auctoridade paterna e manda à guilhotina dois milhões de cidadãos.

«Diz um historiador que a liberdade quereria rasgar da sua historia esta pagina de opprobrio. Mas não, não a rasgará jamais! A immensa pagina das infamias e dos crimes inauditos da Revolução ficará eternamente aberta para fulminar com suas letras de fogo e sangue os adoradores d'aquelle idolo nefando. Quarenta e quatro mil tribunaes com outros tantos patibulos se estabelecem em toda a França para executar as sentenças de morte por elles pronunciadas. Aos canibaeos que fazem de juizes escreve-se de Paris: «Podeis fazer tudo o que vos parecer; podeis quebrar tudo, tudo arrasar, tudo incendiar, exilar tudo, matar tudo, tudo regenerar: tudo deve tremer, tudo deve cahir em ruinas.» A gente é arrastada ao patibulo sem accusação, sem processo, sem juizo regular. Da vontade dos algozes depende a vida dos cidadãos. Mulheres, creanças, velhos, soldados, nobres, plebeos, pobres, ricos, todos sem distincção alagam com o seu sangue o solo da França. Não bastando para tamanha carnificina a guilhotina em permanencia, recorre-se aos canhões, aos rios, e ao mar. Enchem-se barcos de gente, e fazem-se submergir, para matar maior quantidade com uma execução mais expedita. «Bastam à França cinco milhões de habitantes» grita Merlarmé. «Procuremos vencer com o terror; a maioria do povo é má, só uma pequena parte é boa, ponha-se a guilhotina em permanencia»; grita outro: «Pereçam, accrescenta Robespierre, pereçam todos aquelles que podem recordar o passado; sangue sempre sangue!» «A liberdade não se chega senão por uma estrada de cadaveres, não é bom cidadão quem não bebe uma taça de sangue, clamam outros»; «Os ricos e os negociantes devem morrer d'um modo terrivel», grita Danton. São estas as flores rethoricas dos heroes da Revolução franceza.

A benemerencia e o patriotismo dos agentes revolucionarios mede-se pelo numero das victimas que mandam ao patibulo, e de que com grande orgulho dão parte à Convenção. Por fim estes tigres humanos matam-se uns aos outros com insano furor.

«Eis aqui a Revolução, eis aqui o idolo do liberalismo moderno!

«Na ordem religiosa esta hydra do inferno subverte a disciplina da Egreja, suprime *cincoenta* bispados, *trezentos* cabidos, *duzentos* institutos; annulla os votos sagrados e as ordens da cavallaria; extingue as congregações d'ensino, as academias, os collegios, os seminarios, até as associações piedosas de caridade, trucidando milhares de padres, frades e freiras, e faz morrer o Papa em uma prisão e o Rei em um cadafalso.

«É depois de ter destruido tudo, o que é que ergue a Revolução sobre estas ruinas immanes?

«Ergue um altar ao culto da razão, da devassidão e do vicio!

«A religião de Jesus Christo succede a religião de Chaumette e de Robespierre; ao sancto sacrificio da missa substituem-se os sacrificios à deusa da liberdade; aos hymnos da Egreja, as orgias da impiedade e da lascivia; às festas catholicas, a pompa feral da guilhotina; ao cathecismo, o manual da soberania popular e da moral republicana; às vidas dos sanctos, as vidas de Plutarco que devem ler-se às creanças por duas horas continuas; aos livros de devoção, o euchologio revolucionario, com os *officios de decadas, e os hymnos e as orações para recitar no templo da razão!*

«Eis aqui a revolução, eis aqui o idolo do liberalismo moderno!

«Depois de ter coberta a França de ruinas e de sangue, a Revolução semeia a guerra por toda a Europa, guerra de selvagens e sem piedade; vive de requisigões e de confiscações, centuplica os impostos, inventa o papel moeda, renega Deos e diviniza Marat, Voltaire e Rousseau. Cria a mais feroz de todas as tyrantias, a tyrania da instrucção, a tyrania da centralisação, e não pára senão depois de ter curvado a França debaixo do maior tyranno que o mundo conheceu.

«Eis aqui o que é a Revolução!

«É onde iriamos nós se quizessemos aqui recordar as ruinas de que esta furia dos abysmos cobriu o mundo desde aquella epocha de ominosa memoria até aos nossos dias?!

«Quantos thronos abalidos, quantas dynastias lançadas no exilio, quantas revoluções, quantas guerras sanguinosas não tem causado os principios de *oienta e novel!*

Tomemos folego! Eis ahi em traços ligeiros a obra famosa da REVOLUÇÃO!

Ainda hoje vergamos ao peso de seu terribilissimo influxo. A ella se consagraram os povos em vez de consagrarem-se ao Sagrado Coração de Jesus. Mas o reinado do Salvador chega em fim como arco da alliança após o diluvio. A 17 de junho de 1889 milhões de peitos fervorosos hão clamar na effusão de seu enthusiasmo, no ardor de sua fé:

«Divino Coração de Jesus, eis-nos aqui prostrados diante de vossa Santa imagem nos sentimentos do mais vivo reconhecimento por todos os vossos beneficios e do amor mais ardente para com vossa inefavel bondade.

«Alm de responder ao vosso chamamento, alm de apressar em nossa patria o *reinado social* de vosso Coração adoravel, ó Jesus, nós vos consagramos, sob os auspicios do Coração Immaculado de Maria, e sob o patrocinio de S. José, toda a nossa familia.

«Nós vos consagramos, amavel Jesus, todas as provações, todas as alegrias, todos os acontecimentos de nossa vida de familia, e vos supplicamos que derrameis vossas copiosas benções sobre todos os meus membros ausentes e presentes, vivos e fallecidos.

«Tambem vos pedimos por todas as familias do universo: protegei o berço dos meninos recém-nascidos, a escola dos adolescentes, a vocação dos jovens; sede a força dos enfermos, o sustentaculo dos velhos, o apoio das viuvas, o pae dos orphãos; vigiae vós mesmo em cada habitação a cabeceira dos enfermos e dos agonizantes.

«Mas, ó Jesus, oceano de misericordia e de amor, nós vos supplicamos sobre tudo que nos soccorraes no momento da morte; uni-nos então mais estreitamente que nunca ao vosso divino Coração e ao Coração immaculado de vossa augusta Mãe; tornaes-vos nosso asylo, nosso refugio, nosso leito de repouso, e depois de havermos adormecido no vosso seio abençoado, ó Jesus, encontre cada um de nós no paraíso sua familia inteira em vosso Coração sagrado.—Assim seja!»

E. I.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis
da Companhia de Jesus

333.º

(Continuado do n.º anterior)

LXXVI

P. Jeronymo Saccheri

SENDO fallado antecedentemente do P. Athanasio Kircher, que immortalisou o seu nome na sciencia das mathematicas, não podemos omitir um jesuita que, ainda joven, foi uma verdadeira maravilha n'este genero: é o P. Jeronymo Saccheri, cuja elevada intelligencia e portentosa habilidade todos admiram.

Nasceu este homem de talento extraordinario em Roma (outros dizem que foi em Genova; em todo o caso era italiano) no anno de 1670. Estudou os rudimentos das sciencias com os jesuitas da sua terra natal, e, alligando-se ao Instituto, foi allim n'elle admittido.

Logo desde o principio dos seus estudos revelou um raro genio; tendo apenas 9 annos de idade, conhecia a arithmetica, a algebra e a geometria. Ensinou as mathematicas em muitos collegios da sua ordem, sendo em seguida provido na cadeira d'esta faculdade na Universidade de Pavia.

Morreu em Milão, nos fins do seculo passado, de avanzada idade, deixando muitas obras sobre a sciencia que elle cultivou com reconhecida superioridade.

Concluiremos este topico ácerca do jesuita Saccheri com as palavras do celebre astrónomo Lalande na sua *Viagem d'Italia*.

Eis o que elle diz:

«O P. Saccheri foi celebre n'este paiz; era um habil mathematico, e ao mesmo tempo theologo e prégador. D'elle se contam coisas prodigiosas: dizem que lhe bastava lér um livro por uma só vez, para o recitar de cor tolo inteiro.

«Jogava os dados sem vêr o jogo: um dia em que a partida estava adeantada, jogou d'um modo que alguém lhe disse que não devia jogar, vista a collocação das pedras; então elle recorreu a tudo o que se havia feito durante o jogo e provou que havia marcado bem.

«O P. Saccheri fazia outras *provas* verdadeiramente divinas e não menos maravilhosas. Jogava em tres mezas o xadrez alternativamente e ao mesmo tempo dava xadrez e mate aos seus tres adversarios.

«N'um problema algebrico, bastava-lhe para achar a *incognita*, sem vêr o

papel em que se resolvia, indicar os numeros progressivos.

«E depois, para coroar os milagres por um milagre ainda maior, o P. Saccheri era, aos 9 annos, um mathematico extraordinario, ao passo que Pascal não o era nem mesmo aos 14.»

Este juizo é insuspeitissimo, porque Lalande, como é sabido, era um homem sem crengas religiosas; mas soube fazer justiça ao merito scientifico do jesuita Jeronymo Saccheri. E alem d'isso, Lalande foi um profundo astrónomo.

E então, que dizem a isto? Sempre entre os jesuitas havia cada *bruto!*

LXXVII

P. Christovão Clavius

Quem poderá esquecer o nome do reformador do *Calendario*? Foi o P. Christovão Clavius, da Companhia de Jesus, encarregado com outros sabios pelo Papa Gregorio XIII de executar esta grande obra; a principal parte da ideia pertence a este famoso jesuita, distincto por seus estudos astronomicos e mathematicos.

O novo *Calendario* tomou o nome de *Gregoriano*, do Papa que o ordenou e approvou; mas ao nome do Pontifice anda sempre associado, n'esta obra, o nome do jesuita. Basta isto para sua gloria.

Christovão Clavius nasceu em Bamberg (Baviera) no anno de 1537. Entrando na Ordem de Santo Ignacio, distinguio-se nas mathematicas, e foi denominado o *Euclides do seculo XVI*. E, sendo um homem tão erudito, era não menos humilde e modesto, honrando a Companhia por suas eminentes virtudes.

Os seus compatriotas quizeram erigir-lhe em vida uma estatua de bronze, se elle consentisse em vir ensinar as sciencias exactas na cidade de Bamberg. Clavius recusou essa gloria, preferindo o retiro do Collegio Romano e a pobreza do Gesù.

A reforma do *Calendario*, em que trabalhou o jesuita, decretada em 1582, foi atacada pelos protestantes; mas a fim triumphou de todas as prevenções, sendo defendida pelo P. Clavius com tanto saber como vivacidade.

Clemente VIII, pela sua Bulla *Quaecumque*, de 27 de março de 1603, approvou o trabalho do jesuita a quem tece encomios, e determinou que permanecesse sempre em vigor o *Calendario Gregoriano*, abrogando todos os outros calendarios que para futuro se publicassem no mundo catholico, e que fossem contrarios a este, quaesquer que fossem os seus auctores.

Para se comprehender a determinação do Pontifice, convem saber que o

P. Christovão Clavius, na explicação que deu do novo *Calendario*, provou que elle seria perpetuo e que não seria susceptivel da mais pequena alteração no que pertence á disposição das epactas, ainda que depois de muitos seculos se estabelecesse uma outra equação dos annos solar e lunar.

E assim se tem realisado: o *Calendario Gregoriano* ou *Novo Estylo*, que em principio soffreu alguma opposição da parte dos protestantes, é hoje e ha muito seguido por todos os povos, excepto pelos russos, por uma especie de teima sem fundamento; porque está plenamente demonstrado que a reforma do calendario foi a melhor coisa que se podia fazer, e uma tal descoberta, diz um judicioso critico, devia ser abraçada, ainda que partisse dos turcos.

Esta reforma já tinha sido tentada anteriormente, mas sem resultado. Tornava-se altamente indispensavel; só teve a gloria de a levar a effeito o Papa Gregorio XIII, sob a direcção do nosso jesuita Clavius.

Nada mais precisamos dizer ácerca d'este illustre religioso da Companhia de Jesus. Morreu a 6 de fevereiro de 1612, derribado por um bufalo furioso, quando andava visitando as sete egrejas de Roma.

Tambem o jesuita Clavius entra na lista dos *obscurantistas!*...

(Continua)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO ILLUSTRADA

A pia baptismal em Santa Maria
de Leça do Balio

(VII. p. 135)

Um dos melhores especimens archeologicos do mosteiro de Leça, primitivamente de templarios e cedido mais tarde aos cavalleiros de Malta, é a pia baptismal.

A sua configuração em hexagono e monopeditular, indica ser obra do seculo XV, typo n'aquelle tempo geralmente seguido. A elegancia e correccção de seu desenho fazem a admiração de quantos a vêem, e sem desdouro pudera aquelle monumento precioso pôr-se ao lado das maravilhas gothicas da Batalha, ou entrar em concurso com as pias de Bale e a de S. Sebastião, em Nuremberg.

Foi mandada construir por fr. João Coelho, cujas armas ostenta, e o firmarse em cabeças de animaes symbolisa o triumpho do christianismo sobre as fal-



ABRAHÃO DESPEDINDO DE SUA CASA, POR ORDEM DE DEUS, A AGAR E A ISMAEL

sas religiões que desaparecem ante a luz suave e irresistivel do Evangelho.

O coelho estimado

(Vid. p. 147)

Meigos entretenimentos da infancia! horas fugitivas do abril da existencia! sonhos fagueiros que não mais voltaes! encantos dourados pelo albor da innocencia! que melancolia suavissima, que scismar delicioso me enviaes agora a inundar os intimos recessos d'alma, quando a mente desvaneadora, quebrado por instantes o grilhão que a accorrença á quadra triste do presente, lá vai saltando sobre as eminencias dos annos que volveram, quedar-se, n'uma fascinação que não tem igual, enlevada e surpresa a contemplar as mimosas paisagens, estudadas n'aquella primeira quadra da vida, e que jamais se tornam a apresentar, na romagem que levamos futuro a dentro!

Tinham os antigos a *idade d'ouro*, a *de prata*, a *de bronze* e a *de ferro*. A infancia era forçosamente a *idade d'ouro*. Não ha nuvem que perturbe a limpidez d'aquelle céo, brisa que destrua a serenidade d'aquelle purissimo lago, verme que roube o perfume d'aquelle lyrio. As paixões não despertaram ainda: as ambições não se conhecem; o el-dorado para onde inclinam todas as forças, circumscreve-se a um brinco todo innocencia, a um dixe pouco valioso, ao canario que salta na gaiola prateada, ao pombo que vem comer ás mãos, ao coelho que se acolhe no regaço infantil, como em guarida sagrada, onde abundam affagos e onde não chegam sustos nem receios.

Vede a gravura da pag. 147. Feliz a quadra infantil! Olhando a do alto dos nossos dez lustros concluidos, poderemos dizer como o poeta:

«Tudo fugiu!... e levou-m'o o tempo, que tudo some, na sua teima veloz?..»

Oh não! que á mente nos veem as palavras d'um erudito pensador a affirmar-nos que a «vida passada sobre a terra não é digna d'este nome. Outra coisa não é que uma *introdução* á vida verdadeira.» Deixemos pois á infancia os seus gózos; não lh'os ensombremos com a tineta de nossa velhice, mas douremos-lh'os com os conselhos de nossa prudencia.

Oratorio de D. João I de Castella

(Vid. p. 153)

Mais uma obra de preço, possuida, de mais a mais, pelos vimaranenses. Faz parte do riquissimo thesouro da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira. E' de prata dourada com delicadissimos trabalhos de esmalte. Ao centro representa uma camara occupada pela Santa Virgem, o Menino Jesus e S. José, destacando-se na parte superior da camara dois anjos incensando a Sagrada Familia, e uma manjadoura com as cabeças do boi e da mula. Por cima veem-se quatro formosos pavilhões de estylo gothico, pacientemente brincados, modelos de primorosa filigrana em cujas reintrancias intermedias se destacam estatuasinhas de Anjos. Da parte esquerda contemplamos ainda a Anunciação e a Apresentação, e da direita a adoração dos pastores e dos magos.

Estudem os leitores a fidelissima gravura, que ella muito melhor que nós lhe revelará o elevado merito d'aquelle primor d'arte.

Entre o espolio deixado nos plainos de Aljubarrota pelo rei de Castella, contava-se esta preciosidade, que o Mestre d'Aviz offereceu a Nossa Senhora da Oliveira, cuja devoção andou por largos seculos enraizada nos corações da familia real portugueza.

O Estado, n'aquellas eras, dava preito á divindade por ininterruptas manifestações de fé: hoje insulta a divindade, levando de derrocada os mais preciosos monumentos erguidos com o lidar indefeso de nossos maiores. N'aquellas eras, a nacionalidade portugueza, na pujança do vigor, deixava após si padrões que a nobilitavam; hoje, decrepita, deixa em cada hora transparecer as tonturas e a sordidez da idade. Em face d'isto a collegiada, gloriosa ha tantos seculos, irá com seus thesouros cair dentro em pouco no sorvedouro commum. Ha ainda almas da tempera antiga, corações onde fulgura zeloso e activo o amor de Deus e da patria, que propugnam pela conservação de tão sympathico monumento. Conseguil-a-ão? Anhelamol o, mas não o cremos. E' possível que galvanisem por seus esforços aquelle corpo venerando, mas o espirito, o espirito d'aquella instituição sympathica, esse evolar-se-á mui em breve para regiões mais bem fadadas. Não queremos porém ser pessimistas: é possível que estejamos em erro, e se estamos será esta uma vez em que muito nos alegra o errar.

A aposentação e o Monte-Pio do Clero (1)

(Continuado do n.º anterior)

IV

ENTRE-SE o clero da convicção de que deve contar com sigilo unicamente, e não malbaratar os expedientes, que possam correr-lhe ao caminho, com provisão ás exigencias de cada dia.

De reproduzir o milagre da multiplicação de pães, é por sem duvida incapaz a economia politica. O que ninguem lhe contestará hoje, são os brilhantes resultados com que tem coroado as suas cooperativas de qualquer especie.

Ao proprio cadoz das inutilidades, tem a sciencia dos J. B. Say, Stuart Mill, e Paulo Cauwès, chegado a ir sacar prosperos elementos de riqueza.

Por systemas intuitivos e perfeitamente manuseaveis, concatenando fracção a fracção, ha feito rebentar torrentes fertilisadoras, como a vara biblica, que tocou o rochedo.

A varios d'esses engenhosos artificios, que não a este ou áquelle só, precisa o clero portuguez estender a mão.

Pobre—recommenda-lh'o a experiencia das outras classes.

Desprotegido—impõe-lh'o inelutavel-

(1) Muito indignado, um amigo nosso que é parochio, acaba de fazer-nos uns breves reparos, sobre dois periodos, que inserimos em o numero anterior.

Infelizmente, porem, a aposentação não é mais favoravel para o clero parochial, á luz em que a expõe o nosso illustrado collega.

As deducções em um numero de annos, por certo muito restricto, passam, com gravame do parochio, a abrauger periodos de tres decadas!

O nosso computo subsiste, e o caldo espartano tambem. 300 ou 333 reis são indifferentemente uma ridicula miseria, para que possam converter-se em efficaz antemural, na velhice enferma do clero.

Os poderes publicos—se o projecto não vier a passar, nas kalendas gregas—a fóro de nos socorrer, preparam-se para metter as mãos, não nos seus, mas em os nossos bolsos, o que nos parece muito menos generoso!... Para nos favorecer, sangrar-nos-hão primeiro!...

Em cada periodo de trinta annos, da totalidade do clero terão facilmente recolhido quasi com que subvencionem os parochos que sobrevivem e forem aposentados. A longevidade actual e a mortalidade provavel, terão contribuido notavelmente em favor do cofre das aposentações, e ainda mais... dos governos!...

Fica feita a rectificação, e não nos condemnem o nosso presado amigo, sem observar-se que, para o que escrevemos, podia concorrer tanto a ausencia dos seus jornaes, sempre bem informados, como o periodico de que nos servimos, menos feliz extractando da summa do projecto, publicada por uma outra folha.

mente, o gravame da sua decadencia de finanças.

Alguma coisa se fez já no paiz, n'esse caminho.

Começar é muitas vezes formar longa e decisiva passada.

O Monte-Pio do Clero não é já um plano delineado, nem mesmo uma empreza em preparo. E' factó real e effectivo.

E muito sobejamente ratifica elle a justeza do nosso asserto, de que o clero contando comsigo, pode em seu proveito, fazer mais do que as anódynas providencias da protecção official.

Sem elementos de grandes ensanchas, sobreleva já o Monte-Pio bem superiormente em beneficios, à projectada aposentação.

E note-se que nos acingimos exclusivamente aos proveitos de uma ordem temporal.

Vejam.

Sem fazer distincção entre parochó e não parochó, elle nivela e abrange na sua amnistia de favôres, a quantos a tonsura e a ordenação agruparam em gremio.

O pelicano cobre todos os filhos com as azas do mesmo amor.

Aos que lhe pedem a iniciação, abstem-se de exigir-lhe relação da sua idade, que não seja para estabelecer-lhe uma taxa differencial na quota de cada mez, com proveito da collectividade e justiça na distribuição de gozos.

Adoeceu?...

Corre-lhe ao leito, com o conselho da sciencia, com a manipulação medicamentosa, e com o pão do corpo.

Inutilisa-se?...

Não o repulsa para a orla do caminho, com entranhas de Lycurgo. Nutre-o, ampara-o.

Perseguido, foi dar á ignominia de um ergastulo?...

Divorciado da sua igreja, impende-lhe a frente, ao peso vindicativo da censura?...

Nem mesmo n'estas condições, lhe aferrolha as arcas da sua protecção.

Um artigo da lei pode ser crú ou indifferente. O instituto da natureza religiosa ha de por força, representar um conductor da melhor corrente de piedade.

Não se reserva, pois, para a velhice, nem se esquiva ao enfermo nem ainda ao valetudinario.

Na doença — a contingencia mais vulgar na vida—fornece elle a cada socio, alem dos soccorros alludidos, 15000 reis por cada dia, durante um mez; 800 reis em cada dia do segundo mez; e 600 reis diarios durante o terceiro mez.

Grave, muito grave se revelará a

enfermidade, que não venha a ser combatida durante um mez.

Com 15000 reis quotidianos, o associado da provincia não poderá, ao menos, fazer rosto aos encargos de medicina e pharmacia?...

Para essa ordem de despezas e para as de alimentação flúamos bem, lhe chegarão até as diarias do segundo e terceiro mez.

(Continua).

Padre Raymundo.



Declaração

Toda a correspondencia deve ser dirigida a J. O. Teixeira de Freitas, successores do fallecido Teixeira de Freitas—Centro de Propaganda Catholica—Rua de S. Damazo—Guimarães.

Aos nossos bondosos assignantes

De novo recommendamos que quando haja de fazer-se qualquer alteração na direcção da nossa Revista, nos indiquem sempre os dois numeros que tem a cinta, ou mandar esta, o que é melhor, sem o que não poderemos attender a reclamação que se nos faça, e não podem culpar-nos por que a falta provem do não cumprimento d'esta nossa determinação.

Declaração

Pedimos aos nossos bondosos assignantes que tenham o incommodo de ler o nosso pros-

pecto de 30 de maio de 1888, e depois de bem lido, áquelles que se julgarem com direito ao brinde, rogamos o favor de o reclamar.

A REDACÇÃO.

AVISO

Esperamos da bondade de nossos assignantes a conveniente regularidade em seus pagamentos. Ha infelizmente atrazos de dois e tres annos, o que difficulta sobre modo a empreza que tomamos a nosso cargo. Para tudo immensamente utiliza a boa ordem, e contamos que a delicadeza d'aquelles a quem nos dirigimos se promptificará a satisfazer o nosso justissimo pedido.

RETROSPECTO DA QUINZENA

FINDO o mez de maio, que do mesmo modo que o Pantheon se transmutou em Sancta Maria Maior, assim se metamorphoseou em mez de Maria, mez das flores. Quem poderá enumerar os templos magestosos, as egrejas elegantes, as ermidasinhas singelas, onde cada dia, n'este mez de benção, milhares de peitos crentes cantaram—«Ave Maria!»

Ha pouco um jornal francez exhibia a contagem dos minutos volvidos desde o nascimento de Christo até hoje: será capaz o mesmo jornal de nos dizer quantas foram n'este mez transacto as pulsações dos corações christãos pela excelsa Soberana dos céos? Não, não é capaz. Esse calculo está reservado á arithmetica dos Anjos.

Guimarães tomou tambem parte honrosa n'esse Hossana universal, havendo os exercicios do mez, na igreja dos Capuchos, promovidos pelas Irmãs Hospitaleiras, e concluindo por festividade imponente, onde se ouviu a voz fluente e auctorisadissima de Monsenhor Rodrigues Vianna, um dos ornamentos do pulpito portuguez, e a do digno capellão do regimento 20. Outrosim, na igreja dos Sanctos Passos, onde mais

uma vez, no dia 30, como remate das homenagens do mez, o rev. P. Carlos Gouvêa conferenciou ás piedosas Filhas de Maria, demonstrando-lhes como a felicidade na terra, procurada sob a protecção da Mãe de Deus, é prenuncio animador da posse interminavel da felicidade no céu. Na capellinha das sr.^{as} Chaves, mimoso *bijou* que os leitores já conhecem, via se, no sabbado 31, aquella esplendida Imagem de Nossa Senhora de Lourdes, objecto n'esta cidade de acrisolada devoção enraizada por multiplicados milagres e incalculavel numero de graças, litteralmente circuitada de flores e luzes, que era de licia quedarmo'-nos a contemplar aquelle pequenino emblema do céu, onde tão bem se estava, onde tão ardentemente se orava. De manhã, commu nhão geral; de tarde, terço, ladainha, canticos e uma consagração tão fervorosa, que em muitos rostos havia la grimas de tal contentamento e tão divinavel unção, seguramente reveladoras de que a graça do Alto incidia alli.

Tenha a Sanctissima Virgem de sua mão aquellas piedosas senhoras e esforce-as a augmentarem mais e mais, por exemplo e acção, o numero dos que por Maria serão levados a Jesus.

A imprensa diaria ha transmittido todos os pormenores do lamentavel de sastre, acontecido ao sr. Cardeal Patriarcha ao seguir, em principios de maio ultimo, de Cidade Rodrigo, em Hespanha, em piedosa visita ao tumulo da mystica Doutora Sancta Theresa, em Alba de Tormes.

Ao passar a ponte de Tormes, espan taram-se os cavallos do trem, virando-se este, o que motivou uma queda in feliz, que produziu uma dupla fractura do braço esquerdo. Vai já em via de convalescença o veneravel enfermo, e nossos visinhos hespanhoes, a familia real, a nobresa, os bispos e demais clero, teem-lhe minorado os soffrimen tos por uma estremada dedicacão que sobremaneira os honra e nos penhora. De Portugal tem sido cumprimentado da parte d'el-rei, da rainha, principes e ministros, e numerosissimas deputa ções teem ido a Hespanha saber das melhoras do veneravel antistite.

O «Progresso Catholico», que muito lhe deve e em extremo o respeita, faz votos sinceros por um completo resta belecimento.

O nosso digno Prelado teve a honra de receber do sr. Nuncio apostolico um Officio altamente lisongeiro para s. ex.^a rev.^{ma}, relativo ao zelo verdadeiramente apostolico na consagração da dioce-

se ao Sagrado Coração de Jesus. O ve nerando Primaz havia derigido um Re latorio d'aquelles pomposos e involvida veis festejos, ácerca do qual se expri me o sr. Nuncio, da maneira seguinte:

«Sendo, pois, enviado aquelle Rela torio ao Em.^{mo} Snr. Cardeal Secretario d'Estado de Sua Santidade, participo a V. Exc.^a, que o Santo Padre, a quem foi presente, se consolou com a leitura d'elle, e ordenou que eu manifestasse a V. Exc.^a a sua plena satisfacção. Cum prindo esta Ordem Soberana, apraz me tambem dizer a V. Exc.^a, que, de certo na historia d'aquelle anniversario, Braga occupará seu logar honroso entre as Igrejas da Christandade, que mais alto levantaram o pregão da sua fé, da sua piedade e adhesão á Cadeira de S. Pedro.»

Apesar da ruindade dos tempos, como n'outra parte de seu Officio diz o sr. Nuncio, é altamente consolador vermos nossos interesses espirituaes, os interes ses que mais de perto e mais directamen te nos tocam, pendentes d'um Prelado tão pio e zeloso e d'um representante do Sancto Padre tão erudito e prudente. Esta conjunctura inapreciavel enche de consolações e coragem os subditos de s. ex.^{as} rev.^{mas}, scientes de que se os pastores velam, sem riscos vai a con servação do rebanho.

A raposa chama o leão em auxilio. Bismark intende que lhe é util, por agora, andar nas boas graças de Windthorst, campeão do partido catholico na Alle manha, e politico tão habil, que tem sido desde ha muito a sombra pavorosa do grande chancellor. Qual o moti vo de se andar agora fazendo mel o homem de ferro?

Dil o claramente um jornal que te mos á vista:

«O socialismo na Allemannha adquire novas forças de dia para dia e novos triumphos, encontrando adeptos por toda a parte.

«A semana passada, no districto do gran-ducado de Mecklemburgo, territorio essencialmente conservador, celebrou-se uma eleição supplementar de depu tado. Ha a nolar tambem que o dito districto não tem nada de industrial. Pois dos 15:000 votantes com que conta, 4:000 decidiram-se em favor do candidato socialista.

«A onla cresce incessantemente, sendo impotentes todos os esforços que se fazem para impedir a invasão do socialismo.

«A classe media vae perdendo a conlancia de si mesma e considera o partido socialista como o partido do futuro.

«A nova lei de repressão contra o

socialismo tem, pois, produsido um effeito contrario.»

A sociedade é um edificio cuja conver sação depende do feixo que lhe remata a cupula, e este feixo é a Igreja catholica. Ha seis mil annos que o mun do anda a ensaiar systemas politicos, e nenhum até hoje tem dado resultado apreciavel onde Deus não impera como é de direito. Ouve se a cada passo o *cruxifige* em attenção a Cesar; mas é n'esse mesmo momento que Cesar é menos Cesar.

Quando buscará Bismark por convi cção as avenças com a Igreja catholi ca, em vez de as procurar por neces sidade?

Talvez nunca. *Quos Jupiter perdere vult...*

O collegio de Espirito Sancto foi, em 29 do mez passado, mais uma vez theatro d'uma d'essas deliciosas festas escolhulares, encanto dos jovens que as promovem, e tão repletas de saucto e estreme jubilo, que nunca mais se de param da mesma especie no futuro de correr da idade. Ah! gozai-vos ali, venturosos mancebos, ali n'esse gre mio encantado, d'onde as vestes negras de vossos mestres, que são vossos ami gos como outros não tereis, enxotam para longe as apreensões, os desgosto s, os pezares, as hypocondrias, o re morso enfim, origem de todos os males. Gozai-vos, oh! regosijai-vos ali, des cançai tranquillos á sombra desses te ctos amigos, em quanto vossa barqui nha ligeira repousa de ferro lançado em porto onde não sopram ventos pon teiros.

Mas vamos á festa. Era o anniversa rio natalicio do digno director do col legio, o rev.^{mo} Padre Thomaz Hossen topp, alma expansiva e boa como pou cas, que, em nos vendo em communi cação com ella, para logo ficamos a pertencer-lhe, sem magua da perda de nossa liberdade pela certeza de que está em boas mãos. Os rapazes que rem-lhe como se quer a uma mãe. Ha viam á sua força de querer festejar-o; mas, por seu lado, o director, todo humildade e modestia, que d'ella suppo uho diga muita vezes, *quæsi vi sponsam mihi eam assumere et amator factus sum forme illius*, difficulteria quanto possivel a licença para a festa.

E' porém admiravelmente inventiva a imaginação juvenil. Planeou-se uma surpresa, ficando tudo em segredo até á hora propicia. Encomenda-se uma riquissima bandeira azul e branca, ten do bordadas a ouro as armas nacionaes e as do collegio; pedem-se flores ás pessoas amigas; previne-se uma illumi nação brilhante; contrata-se a banda de musica do sr. Joaquim Paiva, profes-

sor do collegio, etc. etc. Perante esta espontanea effusão de affectos, não pôde resistir por mais tempo o amavel director, e deixou que os filhos se congratulassem, n'um dia de festa de seu pae. Como a um toque de varinha magica, veste-se de bandeiras, festões e galhardetes o magestoso edificio do collegio; engendra-se uma sessão solenne para felicitem o director e offer-tar-lhe a bandeira valiosa para cima de 40 libras; improvisam-se exercicios hippicos que dão ensejo a scenas de muito riso; queima-se um magnifico fogo d'artificio; e para que o agrado dos sentidos não andasse desacompanhado do intimo contento de almas genuinamente christãs, ha uma missa solemne, pregando n'ella o fervoroso Padre Santo, imitador dos entusiasticos arrojados de Bridaine, que deixou, como tem por costume, mais inclinados ao trabalho, ás virtudes, a Deus, os corações valorosos de seus ouvintes.

D'aqui enviamos siuceros parabens ao benemerito director, nosso muito amigo, a todo o corpo docente cujos prodigios de dedicação fructificam em colheita assombrosa de exames em cada anno, aos alumnos assiduos em suas lides litterarias e comportamento exemplar, e porfim aos paes e ás mães, que obedecendo ao dever e ao amor pelos seus, postergam louvavelmente uns preconceitos retrogrados que emanam do jornalismo impio, e vão, *coram Deo et hominibus*, confiar a direcção de seus

filhinhos a uns padres que ensinando-lhes a respeitar a Deus, lhes ensinam pari-passu a respeitar aquelles que na terra fazem as vezes de Deus.

«Ah! collegios como aquelles quere-mol-os nós ás centenas, que lá a juventude aprende e honra-se, e nos outros malbarata o dinheiro e perde-se», dizia-nos ha tempos um liberal ferrenho, que não tendo forças para aguentar todas as consequencias dos ruins principios da sua eschola, mandava n'aquella casa educar os filhos.

M. F.

ANNUNCIOS

REPRESENTAÇÃO

DIRIGIDA

AOS PODERES PUBLICOS CONTRA OS JESUITAS

(MAGNIFICA TROÇA)

PELO

PADRE SENNA FREITAS

1 opusculo—100 réis

A ROMA!

(NARRATIVAS DE VIAGEM)

PELO

PADRE MARTINS CAPELLA

1 volume—500 réis

ANNO CHRISTÃO

OU

Exercicios devotos para todos os dias do anno

PELO

PADRE JOÃO CROISSET

da Companhia de Jesus

Approvado e recommendado por quasi todos os Prelados

VERSÃO PORTUGUEZA

DO

P.º FRANCISCO MANOEL VAZ

Antigo missionario da Africa Oriental

Está concluido o 4.º volume d'esta importante publicação. Ainda se acci-tam assignaturas para receber aos volumes, ou cadernetas pelos preços seguintes:

1.º volume br. por assignatura 1\$600, avulso 2\$000 reis.—2.º volume br. por assignatura 1\$800, avulso 2\$000 reis.—3.º volume br. por assignatura 1\$700, avulso 2\$000 reis.—4.º volume br. por assignatura 1\$700, avulso 2\$000 reis.

Caderneta 100 reis, para a provincia accresce o porte.

Continua com toda a regularidade a distribuição do 5.º volume.

Pedidos á Livraria Internacional dos successores de Teixeira de Freitas, em Guimarães; no Porto, a Antonio Dourado, editor.—Martyres da Liberdade, 137.

O PROGRESSO CATHOLICO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral

dos Correios, 1\$000 reis—Estados da India, China, e America, 1\$220 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis.

As assignaturas são pagas adiantadamente, não se recebem por menos de um anno, e este principia em 30 de Outubro

Toda a correspondencia dirigida aos successores de Teixeira de Freitas—rua de S. Damaso, 5 a 9—Guimarães

HISTORIA POPULAR DOS PAPAS

DESDE S. PEDRO ATÉ NOSSOS DIAS

Por MR. CHANTREL

Versão portugueza, por Antonio José de Carvalho

Approvada e recommendada ao Clero da sua Diocese pelo Em.^{mo} Sr. Curdeal-Bispo do Porto, e approvada pelos Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Srs. Bispos de Angra do Heroismo, Funchal e Lamego

2.ª EDIÇÃO

Está distribuido o 2.º volume aos snrs. subscriptores, em harmonia com o programma da publicação, e breve será enviado o 3.º, a todos que antecipadamente enviarem a sua importancia.

Subscrição permanente

Preço de cada volume, por assignatura 1\$200

Para os assignantes do «Progresso Catholico», que tenham pago a sua assignatura, 900 rs.—Depois de concluida a publicação, custará cada volume 1\$500, ou 6\$000 rs. a obra completa—4 volumes. Não se envia volume algum sem que seja pago anteriormente. Assignatura e importancia, aos successores de Teixeira de Freitas—Guimarães.

DEVOÇÃO AO SS. CORAÇÃO DE JESUS

PEQUENO MEZ DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

PIEDOSO PENSAMENTO PARA O

MEZ DE JUNHO

Extrahido do livro devoto da donzella
pelo auctor das «Palhetas d'Ouro»

Obra approvada por muitos Cardeaes,
Arcebispos e bispos

Traduzida da 102.ª edição,

por um Filho de Maria

Contém este pequeno livrinho:

Mez do Sagrado Coração de Jesus, Laidinhas do Sagrado Coração de Jesus, Consagração ao Coração de Jesus, Novena ao Coração de Jesus, Invocação ao Sagrado Coração de Jesus.

1 vol. de 64 pag. em bom papel, 100 rs.

Quem comprar 3 ex. pagará só 200 reis

MGR. BESSON, BISPO DE NIMES

NOTAVEL PASTORAL SOBRE A MAÇONARIA

TRADUÇÃO DO

Padre Senna Freitas

1 vol. de perto de 80 pag.—50 rs.

O MEZ DE JUNHO

CONSAGRADO AO

SANTISSIMO CORAÇÃO DE JESUS

POR

FRANCISCO VANNUTELLI

da Companhia de Jesus

Traduzido da segunda edição italiana por Francisco do Rego Maia, conego prebendado da Cathedral de Olinda, com approvação do Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. D. José Pereira da Silva Barros, digno Bispo de Olinda.

3.ª EDIÇÃO CORRECTA

Preço—Brochado . . . 160 reis
Encadernado . . . 220 .

Vende-se em Lisboa na administração do «Novo Mensageiro do Coração de Jesus», rua dos Quelhas n.º 6.—Em Guimarães no Centro de Propaganda Catholica—Rua de S. Damazo.

HISTORIA DE SANTA MONICA

PELO ABBADE BOUGAND

Vigario Geral de Orleans

Traduzida com a permissão do auctor em 1884 pela

VISCONDESSA DAS NOGUEIRAS

2.ª edição portugueza

Em meio do grande cataclismo que filhas; que se dêsse ás creancinhas, ameaça de perto a sociedade, não co que o lessem as meninas nos collegios, ohcemos nada que melhor possa deter oh! que grande serviço prestado, que a onda destruidora, levantada pela des-fonte de bens para a humanidade! Mas crença, do que a educação, ministrada será o que Deus quizer, o livro já está aos filhos pelas mães christãs. Dae ás a venda e temos esperanças de que se creancinhas uma mãe, e dae a essa mãe espalhe bem, como merece.

o temor de Deus, e a sociedade futura será outra que não a actual.

Mas para que as mães tenham o verdadeiro temor de Deus, para que ellas saibam ser mães e as educadoras de seus filhos, forçoso se torna que ellas aprendam com as grandes maes, que contegam os magnificos modellos que tem de imitar. Essa grande mãe, esse perfeito modelo das mães offertamol-a aos nossos leitores e ás leitoras principalmente na mãe de Santo Agostinho, em Santa Monica, cuja historia está publicada em 2.ª edição, tentando com isso prestar um grande serviço á sociedade, e ás patrias letras.

Se nós conseguissemos que este livro entrasse em todas as casas, fosse lido por todas as mães, por todas as

Forma um volume de 400 paginas approximadamente, e é impresso em bom papel, bom typo e em elegante formato em 8.º

A 1.ª edição custou 15000 reis, mas nós, querendo fazer larga propaganda, e facilitar a sua posse a todos os nossos leitores, estabelecemos o seguinte:

Quem subscrever para esta obra monumental, custará apenas

500 rs., franca pelo correio

Depois de concluida a publicação,

os poucos exemplares que restarem, custarão **600 reis**. Escusado será dizer que fazemos esta edição em har-

monia com muitos pedidos que já tevro entrasse em todas as casas, fosse lido por todas as mães, por todas as todos os nossos bondosos assignantes.

MANUAL DA PIA UNIÃO

DAS

FILHAS DE MARIA

SOB O PATROCINIO DE SANTA IGNEZ V. E M.

Compilado do Manual da União Primaria de Roma, do mesmo titulo, e de outros livros de piedade

PELO CONEGO

DR. ANANIAS CORRÊA DE AMARAL

E APPROVADO PELO EX.^{mo} E REV.^{mo} SNR. BISPO DE PERNAMBUCO

E approved e indulgenciado pelos Em.^{mos} e Rev.^{mos} Snrs.

Cardeal Patriarcha de Lisboa, e Cardeal-Bispo do Porto e pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Director Geral da Pia União, em Roma

Este livrinho, indispensavel a todas as Filhas de Maria, por conter os estatutos da Pia União, e a regra que todas devem seguir, é tambem um verdadeiro livro de devoção, pois que além das orações de missa, confissão, communhão etc. etc. tem um copioso numero de devoções, praticas de piedade etc. etc. etc.

1 vol. de 480 paginas, com capa de percaline 400
Em melhor papel, folhas douradas etc. 600

Pedidos com a importancia aos successores de Teixeira de Freitas — Guimarães.